

PEÇA DO MÊS

JULHO – 1999

A. RAINHO



***URNA CINERÁRIA ROMANA
DOS MOSTEIROS
Séculos I-II d. C. (Alto Império)***

***CASTELO DE VIDE
Arcos dos Paços do Concelho***

CIRCUNSTÂNCIAS DO ACHADO

Decorria o período natalício do ano de 1984, quando o então GACV (Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide, posteriormente extinto, com a criação da actual Secção de Arqueologia na Orgânica dos Serviços Municipais), teve conhecimento da descoberta fortuita duma «caixa de chumbo, contendo um frasco e pequenas lamparinas» na propriedade dos Mosteiros, freguesia de Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas. Em Póvoa e Meadas conseguimos identificar o responsável pela descoberta, que relatou ter sido por acção do seu tractor que se «abateram as lajes que tapavam a cova onde se encontrava a caixa de chumbo».

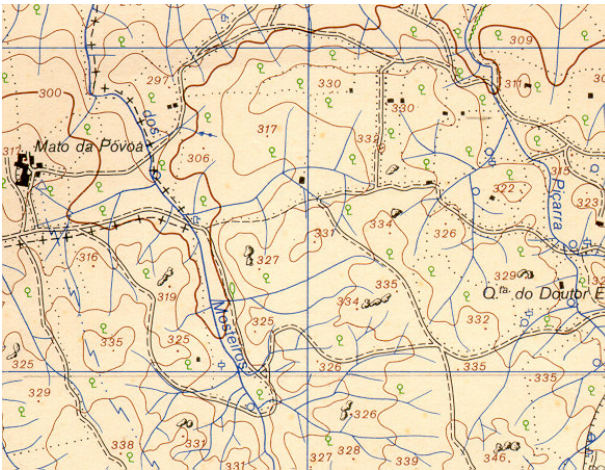
A mesma fonte, informou-nos que a urna foi aberta com o auxílio de uma picareta – facto que provocou inúmeras e irremediáveis fracturas -, e ainda que os objectos que ela continha no interior estavam na posse de um jovem filho do tractorista. Os maiores fragmentos da urna foram recuperados já em Nisa, na choça de um pastor que se preparava para os refundir... em pesos de pesca!! Mais tarde, contactámos o jovem residente em Póvoa e Meadas no sentido de se recuperar o mobiliário funerário para o Município, o que não foi possível até ao momento.

A urna, no ano de 1985, esteve exposta numa pequena mostra de materiais arqueológicos divulgada à comunidade científica e política presente nas *1^{as} Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano* realizadas em Castelo de Vide. Porém, só agora, quinze anos decorridos sobre o seu achado, pela primeira vez e com a oportunidade que esta iniciativa da *Peça do Mês* permite, se procede à divulgação deste importante vestígio local da cultura romana, bem como das circunstâncias da sua descoberta. Imbuídos na esperança de que o sítio da sua proveniência seja um dia devidamente estudado e salvaguardado, aqui se deixa escrito a malograda odisseia deste objecto, que é, inquestionavelmente, uma Peça interessantíssima no panorama do acervo romano da Arqueologia portuguesa.

Depois deste achado não tivemos conhecimento que se tenham efectuado quaisquer escavações ou outro tipo de sondagens neste lugar específico. Os escasos e pequenos fragmentos cerâmicos e vítreos recolhidos no local não permitiram elaborar reconstituições e o estado de destruição da câmara funerária tornou impossível conhecer o seu processo de cobertura.

Quanto ao espólio funerário na posse do referido conterrâneo, acreditamos que ele saberá hoje reflectir melhor sobre o facto dos objectos somente valerem pelo significado histórico e se inseridos num contexto: não tendo, portanto, valor monetário.

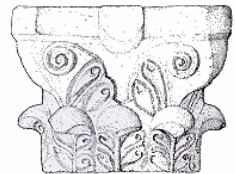
Compete a todos nós cumprir esse importante dever moral de garantir que os vestígios da vida e da morte daqueles que nos antecederam se perpetuem. Do mesmo modo que ansiamos para que depois do nosso desaparecimento se respeitem os testemunhos materiais que nós deixarmos; pois, hoje como ontem, são eles que revelam as atitudes e as crenças que organizam a vida social contemporânea.



Localização dos Mosteiros na *Carta Militar de Portugal*; esc. 1/25 000; folha 325; ano de 1967; e Castelo de Vide na Península Ibérica

ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS MOSTEIROS

O lugar que definimos como *Estação Arqueológica dos Mosteiros* abrange uma área de aproximadamente 6 hectares e é constituída por um conjunto de prédios rústicos de diferentes proprietários, alguns confinantes com o concelho de Nisa. Como atrás já foi mencionado, localiza-se na freguesia da Nossa Sr.^a da Graça de Póvoa e Meadas, a cerca de 3 km para Oeste da povoação de Póvoa e Meadas, a 2 km a Sul do marco geodésico do Pai Anes, tendo as seguintes coordenadas *gauss*, calculadas a partir de um ponto principal (forno romano): 29SPD2510 7585. Por prevenção, considerando o interesse generalizado que tem suscitado a localização das sepulturas, e por se admitir que o local deste enterramento poderá ainda ser bastante importante para o estudo em questão, não divulgamos,



intencionalmente, as coordenadas concretas do achado e coibimo-nos de descrever o suposto local da necrópole de inumação.

Uma das poucas e mais antigas referências que encontrámos sobre o local vem inserto num artigo do jornal *Terra Alta* (n.º 12, Castelo de Vide, 12 de Maio de 1957), da autoria do eng.º Cruz Soares, que afirma sobre esta riqueza arqueológica (...) «Tudo aquilo que há dezenas de anos atrás poderia ter sido preciosa fonte de estudo, foi desaparecendo pouco a pouco, a provar bem o receio que o proprietário tinha – mesmo o mais abastado – de ver as suas terras revolvidas sob a direcção de minucioso arqueólogo.



Ruínas de um edifício religioso setecentista com aproveitamento de silhares romanos.



Pavimento em mosaico decorado com figuras geométricas, destruído nos anos 80

Percorrendo demoradamente o outeiro sôbre o qual devia ter assentado outrora o velho amuralhado, desde a chamada Tapada da Torre – onde ainda se notam as fundações de primitivo torreão (...) até ao vale junto do qual existem ainda vagas ruínas de antigas edificações, muito se observa de interessante.

A cada momento encontra-se um motivo de interesse histórico. Pedras aparelhadas em mais que uma face, pedaços de telhas e tijolos espalhados por toda a parte denunciando a existência de fornos no local, um dos quais foi casualmente encontrado há meses, mas que nos parece ser de época muito posterior à da fundação do primitivo aglomerado.»

Segundo a mesma fonte, para além do aparecimento de duas pedras com inscrições, dá-nos a informação de «um dos mais idosos habitantes de Póvoa e Meadas», que, para além de ter descrito os materiais espoliados com a violação

da anta dos Mosteiros, menciona a «extraordinária abundância de ossos humanos que surgiram pela frente do seu arado.»

Também a autora da *Carta Arqueológica* do nosso Concelho refere ter «conhecimento da existência de elementos representativos da civilização romana neste local, através do Dr. José Martins Barata que possui uma pequena colecção de materiais aí encontrados» (RODRIGUES, Maria da Conceição; *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, Lisboa, 1975, pp. 138-145). Desta colecção são descritos três pesos de tear e três fragmentos de *tegulae* juntamente com outros fragmentos de recipientes cerâmicos por ela recolhidos: bordos, fundos de vasos, *sigillata* e mais três pesos de tear.

Em Agosto/Setembro de 1981, o autor deste texto teve ainda a felicidade de falar com um velho pastor, desde a meninice criado nesta parte do Mato da Póvoa, que, entre muitas outras curiosas informações, deixou o registo do local onde afirmou existir uma necrópole de inumação, encontrada na sua infância quando se procedia à plantação de árvores.

Ainda na obra de Mário Saa, intitulada *As Grandes Vias da Lusitânea (O Itinerário de Antonino Pio; Tomo VI; Livro XVI; «As Vias Imperiais de Lisboa a Mérida»;* Lisboa; 1967; p. 190), vem mencionado este «campo de ruínas, que na tradição local, andam atribuídas a destruído convento» acrescentando o autor que «são ruínas de idades e épocas várias, principalmente da romana: vasta e densa dispersão *têgular*, com todo o mais material daquelas específicas construções. Paredes grossas e rijas, empedernidos alicerces, segmentos de condutas de água, fragmentação de pavimentos a cores, silos subterrâneos».

Para além destas notícias e de outras referentes a inúmeros achados casuais, os vestígios que ainda hoje permanecem no local testemunham, de facto uma significativa e continuada presença humana. A primeira fase cultural, para além de se manifestar imponentemente numa das antas de maiores dimensões do Alto Alentejo (anta dos Mosteiros/classificada de Imóvel de Interesse Público) representa-se também num povoado aberto que lhe poderá ser coevo. Por sua vez, as estruturas inventariadas na área sugerem uma significativa presença romana a partir do século I, com a *pars urbana* da *villa* instalada numa pequena plataforma confrontada a Oeste com o ribeiro dos Mosteiros, o qual proporciona solos férteis e irrigáveis. Neste espaço residencial houve pavimentos de mosaicos e compartimentos com os interiores rebocados e pintados, bem como fortes indícios de ainda terem existido termas ou estruturas para banhos.

Os vestígios da *pars rustica* são consideráveis, verificando-se na envolvente diversas estruturas dispersas a denunciarem a existência de vários casais agrícolas e/ou dependências de apoio às respectivas actividades agrárias, pecuárias e industriais.



Forno dos Mosteiros.

Entrada da câmara de combustão. A grelha é quadrangular e a câmara de cozedura, que seria abobadada, estava decorada interiormente com motivos vegetais e denteados.



Sestércio do imperador Gordiano III (238-244 d. C.); IMP. GORDIANVS PIVS FEL. AVG.

Cobre; Ø 26 mm; 19,4 gr; inv. TM530. Encontrada no corredor da anta dos Mosteiros juntamente com outros materiais romanos.

Aqui assume particular relevo um notável forno de grande dimensões (5,55 x 5,55 m), cuja grelha quadrangular assenta num conjunto de seis arcos que formam uma ampla fornalha. Esteve em funcionamento muito para além da fase inicial da construção da *villa*, admitindo-se mesmo a forte possibilidade de ter produzido mais do que o necessário para o auto-abastecimento da propriedade. Destaca-se também o que se presume serem restos de um monumento sepulcral ou de um templo sobranceiro ao local apontado para a existência de uma necrópole de inumação.

Nesta estação arqueológica são explícitos outros vestígios medievais, todavia é perfeitamente plausível que a retracção demográfica durante a Baixa Idade Média tenha começado a acentuar-se, à semelhança de outros núcleos populacionais conhecidos que se extinguíram em virtude de não reunirem condições de defesa nem de protecção, imprescindíveis perante a iminente ameaça castelhana com domínio territorial consolidado a poucas dezenas de quilómetros.

A URNA CINERÁRIA DOS MOSTEIROS



Aspecto da urna quando foi recuperada. Um cenário bastante negro a envolver a sua descoberta



A urna em fase de restauro. Tratamento acompanhado por técnicos do Museu Monográfico de *Conimbriga*

«Quem quer que tu sejas, viandante, que passares por mim, neste lugar sepultada, se de mim tiveres pena – depois de teres lido que faleci no vigésimo ano de vida – e se o meu descanso te sensibilizar, rogarei que, fatigado, tenhas mais doce descanso, mais tempo vivas e longamente envelheças nesta vida que não me foi lícito desfrutar. Chorar, de nada te serve. Porque não aproveitaste os anos?»

Epitáfio de Nice proveniente de Beja, seg. José d'Encarnação (*Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, pp. 839 – 840).

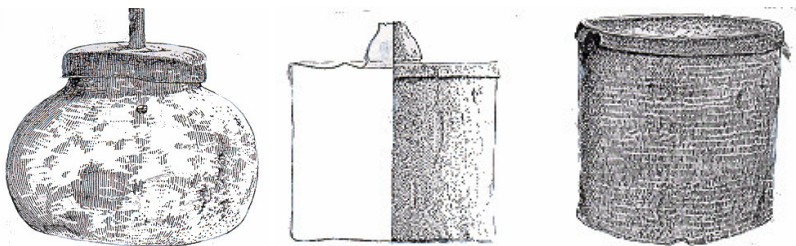
Abordar a organização do espaço desta vila, e naturalmente do(s) funerário(s), apenas com base nas notícias e achados dispersos, sem recurso à escavação, impõe, obviamente, uma enorme fragilidade às hipóteses esboçadas. De qualquer modo, não obstante estas debilidades teóricas, parece-nos que pode ser minimamente útil para as investigações futuras deixar a nossa interpretação pessoal sustentada pelo afortunado contacto com pessoas (algumas já desaparecidas) que passaram uma vida inteira a calcorrear a zona dos Mosteiros aliado ao profundo conhecimento da superfície do terreno e de vestígios entretanto já desaparecidos.

O enterramento por incineração dos Mosteiros efectuou-se numa pequena elevação, fora da área residencial, na saída Oeste do caminho que terá servido a *villa*, e em função do qual – a confirmar-se a localização da necrópole de inumação também localizada na periferia urbana embora num ponto oposto –, se organizaram estes espaços funerários com tipologias e cronologias supostamente distintas. Aliás, esta definição para a localização das necrópoles a deslado de caminhos (e fora das muralhas quando elas existiam) foi um costume constante até à altura da consolidação do cristianismo, após o qual passaram então a preponderar outro tipo de factores como a aproximação a um centro de culto ou a exclusividade da área (MOLANO, J. e ALVARADO M., *La evolución del ritual funerario de Augusta Emerita como indicador del cambio social, ideológico e religioso*, Actas III, I Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto 1994, p. 326).

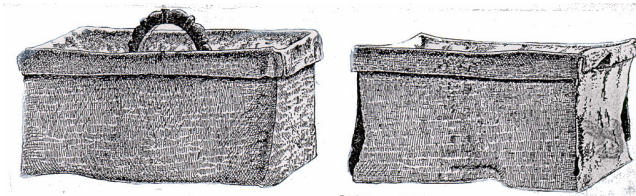
No processo de enterramento da urna demarcou-se exteriormente o recinto através de um pequena cintura de blocos irregulares de pedras soltas ao nível do solo, numa área com cerca de 12 m². Esta demarcação externa do espaço funerário estava bastante alterada devido às práticas agrícolas, que só não puseram a descoberto a sepultura em virtude dela estar mesmo junto ao tronco de uma árvore. Ao centro foi aberta a fossa, de planta rectangular, com cerca de 1 metro de profundidade e paredes revestidas por lajes de “pedra seca”, no interior da qual se depositou a urna plúmbea e o mobiliário arqueológico. O estado de destruição não nos permitiu saber como se processou a cobertura, embora nos tivessem informado que o tractor teria levantado «as lajes que tapavam» a estrutura. Não apareceram indícios de ter possuído dispositivos para rituais de libações, facto que se verificou com alguns casos em sepulturas de necrópoles romanas do Norte de África na época imperial (FEVRIER, P.A. e GASPARY, A., «A necrópole Oriental de Séfit», *Bulletin d'archéologie, algérienne*, II, 1966-67, pp. 22-23).

Este tipo de enterramento encontra paralelos na *Necrópole de los Campos de Torres-Nofre* (ALMAGRO, Martin, *Las Necrópolis de Ampurias* «Necrópolis Torres – Nofre», Barcelona, 1955, pp. 121-122), onde entre os anos de 1945 e 1946 foram escavados os cemitérios de Torres composto de 70 incinerações e o de Nofre com 28. Segundo o autor da escavação, nestes casos os cadáveres eram queimados e as cinzas guardadas dentro de urnas frequentemente de barro, ou noutros casos de vidro, que por sua vez se inseriam nas caixas de chumbo que continham estes materiais juntamente com outras oferendas que constituíam o mobiliário fúnebre.

Diferentes tipos de urnas cinerárias das necrópoles ampurianas. Augusto/Tibério; Tibério/Cláudio e Cláudio

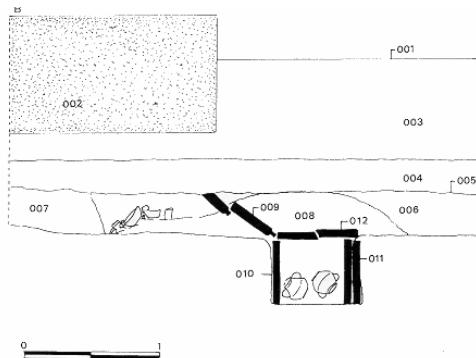


Embora saibamos que quando se deu a descoberta da urna dos Mosteiros apareceram cinzas, desconhecemos se elas estavam colocadas num recipiente próprio ou dispersas dentro da urna de chumbo. De igual modo, foi impossível determinar se este enterramento é do tipo *busta*, *ustrinum* ou simplesmente de fossa aberta no solo destinada unicamente a receber a urna cinerária com o mobiliário fúnebre. Como o nosso amigo *Manolo* Alvarado e a sua esposa afirmam «la incineración es un ritual funerario cuyo reflejo en el registro arqueológico no tiene porqué coincidir necesariamente con un enterramiento» (MOLANO e ALVARADO; 1994;). Ou seja, ambos defendem que há casos de lugares exclusivamente utilizados para a cremação do cadáver: *Ustrinum*. Paralelamente, verificam-se situações designadas por *busta* em que no próprio espaço de cremação se efectuou a deposição das cinzas conjuntamente com o mobiliário fúnebre. Por último, apontam-nos uma terceira variedade para este tipo de enterramentos caracterizado por fossas abertas distantes do lugar onde se procedeu a cremação, situação à qual parece corresponder a nossa *Peça do Mês*.

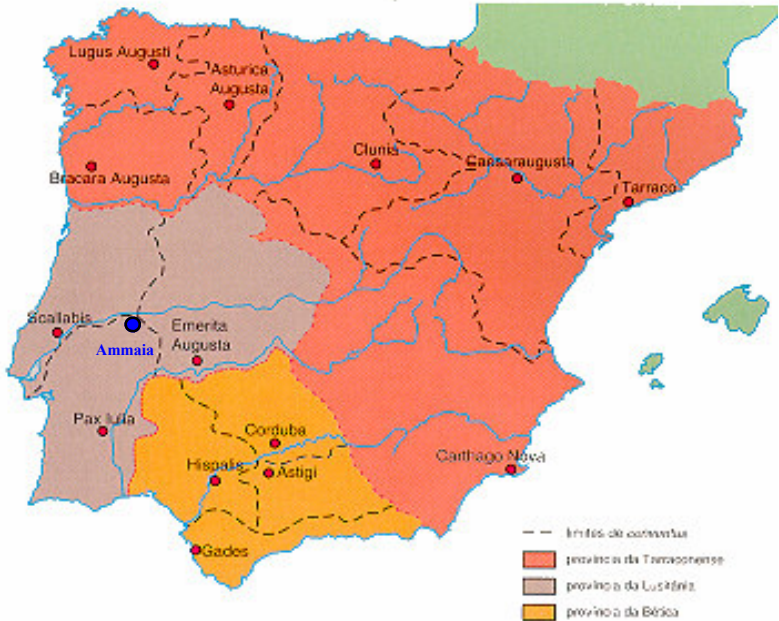


Urnas prismáticas retangulares de Nofre (Ampurias), datadas do período Tibério/Cláudio, e do mesmo tipo da urna dos Mosteiros, embora uma apresente a particularidade de possuir uma pega na tampa.

Representação de uma estrutura funerária com urnas cinerárias no interior de uma fossa formada por lajes e com um dispositivo para rituais de libações. Fora da estrutura também foram depositados alguns objectos do mobiliário funerário.



Divisões
administrativas
da Hispânia no
Alto Império
(Seg. J. Alarcão)



A nossa região incluía-se na província romana da Lusitânia, cujo território se fixou com Augusto entre o Douro e o Guadiana e tendo como capital *Emerita Augusta* (Mérida). Posteriormente, na época de Cláudio ou de Vespasiano, foi subdividida em três *conventus* (conventos jurídicos): escalabitano (*Scallabis*-Santarém), pacense (*Pax Iulia*-Beja) e o emeritense. Dentro deste *conventus emeritense* que abrangia uma parte do Alto Alentejo, a nossa *Villa* dos Mosteiros estaria muito provavelmente dependente da unidade administrativa da *civitas* (em área semelhante aos distritos actuais) da *Ammaia*. Certamente que quando os resultados das escavações desta cidade romana forem publicados, se poderá reconstituir mais fielmente as relações sociais, políticas e mesmo religiosas, entre este aglomerado urbano e os muitos núcleos rurais, de maior ou menor importância, que o circundava.

No território do nosso concelho estão identificadas algumas *villas* romanas (algumas evidenciando uma considerável riqueza dos seus *dominus*) e uma profusão de casais agrícolas. Embora considerando a prudência destas classificações, e as extrapolações que elas legitimam, será que esta distribuição e uma certa apetência das famílias ricas ocuparem intensamente o espaço rural não reflectirá um desinteresse e desapego pela cidade? Afinal, será que a morte da cidade da *Ammaia*, mais do que a vontade dos Homens (dela distanciados geograficamente, sentimentalmente, financeiramente?), foi mesmo resultado de um momento de fúria dos seus Deuses?

OS MATERIAIS

Por termos estudado os objectos apenas com base nas imagens fotográficas, é particularmente difícil ir mais além do que uma breve análise. De qualquer modo, e pegando nalgumas considerações Luisa Ferrer Dias (com. pessoal, que agradecemos), pode-se referir em relação ao unguentário de vidro que ele integra-se no tipo dos piriforme com fabrico na 2ª metade do séc. I, embora continuando a ser comum ao longo do século seguinte (ALARCÃO, J., *Vidros Romanos do Alentejo no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa)*, *Conimbriga*, 17, n.ºs 14 a 17, p. 106, Est. III-4; ALARCÃO J. e ALARCÃO, A., *Quatro colecções de vidros romanos*, «Revista de Guimarães», LXXIII, n.º 3, 1963, p. 369; IDEM, *Vidros romanos do museu de Vila Viçosa*, *Conimbriga* VI, n.º 50, 1968, p. 25).

Para as lucernas, na impossibilidade de definir as decorações e o tipo das pastas não nos atrevemos a estabelecer datações. No entanto, estes materiais juntamente com a tipologia da urna cabem perfeitamente nos períodos determinados para outras cerâmicas significativas provenientes do forno dos Mosteiros. Com efeito, junto a este monumento recolheram-se alguns fragmentos de *sigillatas*, de fabrico hispânico (Drag. 15/17 e 18), de formas correspondentes a pratos fabricados a partir do séc. I até princípios do séc. II, descritos por F. Mayet, (*Sigillatas de Tricio*, 1983/84, p. 66). Quanto às cerâmicas de uso comum, os principais tipos têm paralelo em exemplares da Ilha do Pessegueiro (Sines), exumados, segundo Tavares da Silva, de níveis do séc. II, bem como da necrópole de Valdoca (Alarcão) e ainda em *Conimbriga* em níveis de ocupação do século I e inícios do II. Ainda deste período foram encontrados recipientes com paralelo no Castelo de Alcácer do Sal (Tavares da Silva; 1980-81) e Santo André, Montargil (Nolen, Dias; 1981).



M1/36

LUCERNA

Época Romana
Cerâmica

Fragmento com porção
do disco e arranque da
asa. Decoração com
tema vegetal.

Villa dos Mosteiros
Castelo de Vide,
Secção Arqueologia.
M1/36

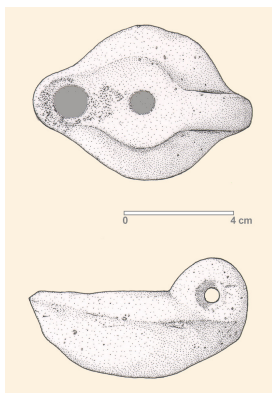
A REFLECTIR!

No estudo de uma sepultura, ou até de uma necrópole, a análise do mobiliário funerário, juntamente com a arquitectura, tipologia, escultura e epigrafia, é fundamental. No caso concreto deste enterramento cinerário, devido à escassez de elementos, pelos motivos já expostos das circunstâncias em que ocorreu este achado, os materiais espoliados representam

uma informação insubstituível do ponto de vista científico. Por isso estas lucernas, o vidro e outros eventuais objectos que tenham sido retirados do interior da urna, são essenciais para chegar a aproximações cronológicas e tornar mais sólido o nosso conhecimento sobre este tipo de rituais funerários. Também por este motivo acreditamos que o possuidor destes objectos, reconsidere a possibilidade de devolvê-los a quem de direito, muito brevemente.



Mobiliário funerário deposto junto aos restos mortais do indivíduo cremado. Com excepção da lucerna desenhada, os materiais encontram-se na posse de um particular.



AGRADECIMENTO: ao amigo Manuel Alvarado por repartir connosco o profundo conhecimento que detém sobre necrópoles romanas, bem como ao Museu Monográfico de *Conimbriga*, particularmente à sua directora, Dr.^a Adília Alarcão pela pronta disponibilidade e imprescindível orientação para a realização do tratamento da urna.

A PEÇA DO MÊS DE AGOSTO COMPLETARÁ A 1.ª SÉRIE (12 FOLHETOS). A 2.ª RECOMEÇARÁ NO MÊS DE OUTUBRO

DESCRIÇÃO

Descrição: Urna cinerária com forma paralelepípedica rectangular, composta por receptáculo e tampa. As paredes do receptáculo e da tampa são muito irregulares. O fabrico da urna terá sido realizado a partir de uma superfície plana cortada em cruz grega, modelada até atingir a forma paralelepípedica, e com um acabamento de fusão nas arestas laterais, de que ainda apresenta vestígios.

Cronologia: séculos I/II d.C.

Material: chumbo

Dimensões: - receptáculo: 0.38 x 59 x 0.40m

- da tampa: 0.40 x 0.61 x 0.8 m

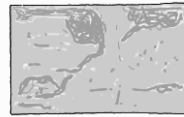
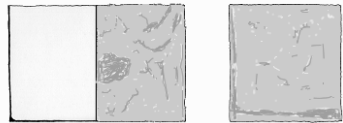
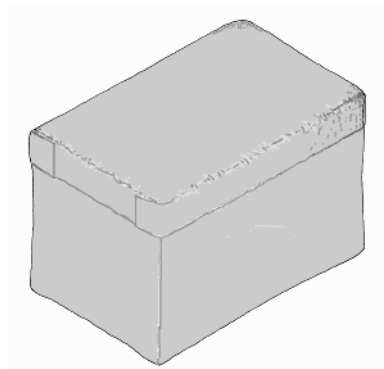
Proveniência: Herdade dos Mosteiros, freguesia da Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas, concelho de Castelo de Vide

Proprietário: Câmara Municipal de Castelo de Vide

Depósito: Secção de Arqueologia da Câmara Municipal

Restauro: Nuno Félix, Secção de Arqueologia e Museu Monográfico de *Conimbriga*

Desenhos: João Magusto



0 50 cm

